

AROLD MACEO
OSWALDO FAUSTINO

Luana



Ilustrações de ARTHUR GARCIA

*a menina que viu
o Brasil neném*

Bem ali, onde tudo começou...



— **M**inha noivosa! Cadê a vovô?

Que gente estranha era aquela! Cabelos longos, pretos e lisos, olhos pequenos, pele vermelho-escura e cheia de pinturas.

— Será que é o pessoal do Timbalada? Liê, cadê o Carlinhos Brown, então?

Luana estava bem no meio de uma roda de gente, perto de uma fogueira. Aquilo não era o Calindê não... E aqueles tambores todos, aquela gente estranha!



*Tupiniquim: índio indígena com
adornos pintados no corpo*

Ela ainda estava muito atordoada:

- Ei, moço, cadê todo mundo?
- Está todo mundo aí... Quem é você?
- Eu sou Luana... e você?
- Itabaji... sou o príncipe dessa nação.
- Nação? Que nação?
- A nação tupiniquim... de que nação é você?

— Eu sou daqui mesmo, do Brasil, ora bolas!

— Brasil? O que é Brasil? Você está falando de pau-brasil?

— Não seja bobo. O Brasil é a terra da gente.

— Humm... não é não. A terra da gente é Pindorama. Sua nação fica aqui perto?

— Escuta, Itabaji... me explique melhor essa história de nação e tudo o mais.

— Essa região toda se chama Pindorama, terra das palmeiras, e nela existem muitas nações, povos diferentes, com costumes diferentes. A nossa nação é tupiniquim, mas existem os povos tupi, guarani, aruaque, jê, caraiíba, calová e muitos outros.

— É como eu vim parar aqui?



*Pau-brasil:
fruto de
muitas
palmeiras,
preciso e
bom. Da
sua origem
se criou
o nome
da nação
brasileira.*





– Como é que eu vou saber?
– Acho que foi quando a chuva parou...

– Chuva? Ah, foi a chuva que trouxe você aqui? Então vou chamar você de Gota do Céu...

De repente, uma cunhantã, bem pequena, olha para Itabaji, ri e corre para o mato...

– Ei, Tanuá! Vem conhecer a Gota do Céu...

– Tanuá? Engraçado... eu já ouvi esse nome antes...

– Tanuá é muito tímida, menina do mato... nunca brinca com os curumins... gosta de ficar no alto do morro olhando o mar... Fica contando as gaivotas, as baleias que surgem no meio das ondas. Diz que tem outros mundos no outro lado de lá. Depois desce até a praia para pegar conchinhas...



Cunhantã da tribo guarani, da aldeia Itambé, em São Paulo, em Porellana (SP).



Luana nem ouve a explicação de Itabaji. Cismada, ela quer lembrar de onde já ouviu esse nome.

– Tanuá... quem é mesmo Tanuá?

– É ela... – Itabaji aponta, mas não vê ninguém. – Ei, cadê a Tanuá? Hum, essa cunhantã... já se enfiou no mato de novo. Olha lá, já está no alto do morro... Todo o dia é a mesma coisa...

– Eu jogo capoeira, que é uma espécie de dança. E vocês, o que fazem aqui?

– Nós dançamos o cricrili, a dança do grilo...

**Gente bota o pé aqui... Purundum...*

Depois bota o pé ali... Purundum...

Mexe o corpo, sacode, revira a cabeça...

Pula alto e grita... Uáááá!...

Luana ri como nunca... Itabaji é um príncipe muito engraçado...

De repente, um grito...

– Cooooooooorre, gente! Olha lá no mar!

– Será um monstro?

– Um peixe gigante!

– Será Tupã, que vem visitar o povo tupiniquim?

E eles chegaram do mar...

Os olhos de Tatuá brilham enquanto ela, no alto de um carvalho, no topo de um morro, vai contando a Luana e Itabaji o que estava observando:

– Primeiro, eles eram bem pequeninos e estavam lá longe. Depois, foram ficando mais perto, mais perto e foram crescendo, crescendo, viraram gigantes... Um, dois, três... nois, quantos!... sete, oito... Olha quantos braços, quantos olhos, quantas asas!... Onze, doze, treze... são treze e pararam ali no mar, bem pertinho da praia...

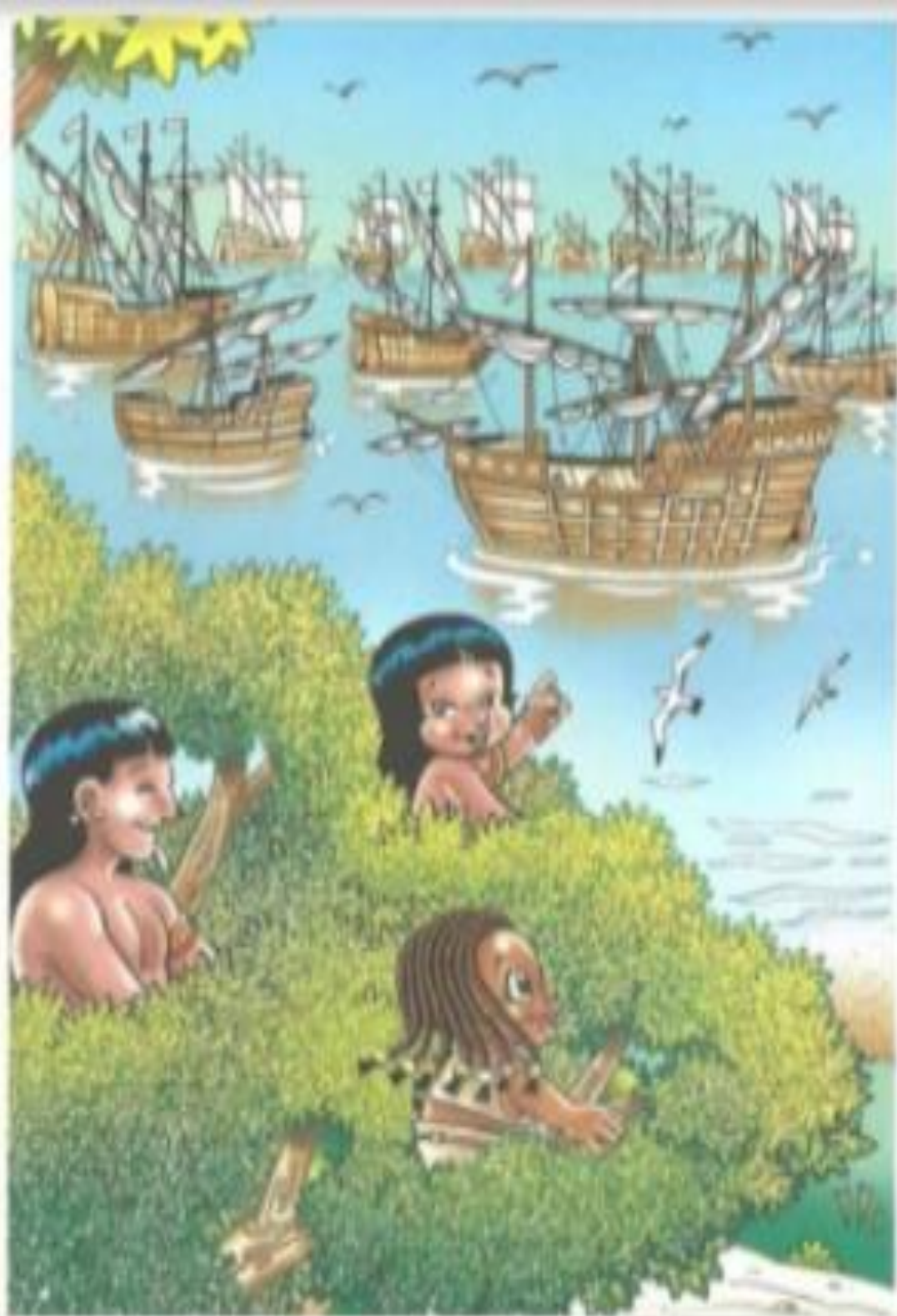
Enquanto Tatuá vai contando, Luana e Itabaji sobem na árvore para ver também. Ficam fascinados com o espetáculo que vem do mar.

– Podem ser muito perigosos, mas são muito lindos! – diz o príncipe dos tupiniquins.

– Mas aquilo não é monstro nenhum, gente, são caravelas...

Caravelas? Os dois não imaginam o que seja aquilo que Luana falou...

Caravela
navio a
vela, com
um a
quatro
mastros.



– Isso mesmo. Caravelas. São navios e estão cheios de gente.

– Gente?

– É... marinheiros... homens que atravessam o mar, para viver muitas aventuras... Olha lá: já estão colocando barcos no mar e vão descer...

Os olhos de Tanuá querem saltar de sua face... Ela está morrendo de medo. Itabaji é mais corajoso. Quer descer e esperar os tais marinheiros na praia. Tanuá treme, fecha os olhos, resiste. Depois de muito insistir, Luana convence a amiguinha, e os três começam a descer o morro...



Um dos barcos pára bem próximo à praia. Os homens começam a descer e vão caminhando vagarosamente em direção à areia. Um deles, o mais alto e magro, barbudo, com uma roupa muito colorida, vem na frente, com uma bandeira na mão. Chegando à praia, finca o mastro na areia e diz:

– Eu, Pedro Álvares Cabral, capitão-mor da segunda esquadra portuguesa, a armada da Índia, tomo posse dessas terras em nome de Dom Manuel, o Venturoso, rei de Portugal...



Bem-vindo, seu Cabral!

Luana pisca forte e começa a sorrir. Agora ela já conseguiu saber onde é aquele lugar e em que tempo está:

— Ah, então é isso! Aqui é Porto Seguro, na Bahia, e hoje é 22 de abril de 1500. Nesse momento, está sendo descoberto o Brasil. Gente! O meu país está nascendo!!!

Um a um, os tupiniquins vão saindo do mato para ver de perto aquela gente estranha que chegava do mar. O primeiro foi Itabajauá, o pai de Itabaji. Depois, o próprio Itabaji e sua nova amiguinha, Luana, que estava de mãos dadas com a pequenina Tanuã. Essa, porém, puxava a mão e tentava escapar mato adentro.

Valente como ele só, Itabajauá foi direto aonde estava o homem barbudo, segurando a bandeira. Esse, que disse se chamar Cabral, tinha um montão de homens armados ao seu lado.

Só um não trazia arma. Ele não parava de escrever num pergaminho com uma pena de ave, cuja ponta molhava num vidro de tinta.

Cabral ditava para esse homem, que se chamava Pero Vaz de Caminha, uma carta para o rei de Portugal. Mas, mesmo quando o Cabral não ditava, o homem continuava escrevendo. Ele via coisas ali que nem seu chefe conseguia ver.



Fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha para o rei de Portugal, descrevendo as primeiras impressões sobre a nova terra.



Nenhum tupiniquim entendia o que eles diziam, mas Itabajauá estendeu as duas mãos para o homem barbudo, que também estendeu as mãos para ele, depois de ver que o cacique não portava arma. Ele não precisava. Era forte e estava em sua casa.

Assim que as mãos se tocaram, foi uma gritaria só entre os tupiniquins. Todos batiam pés e mãos e começaram a soar os tambores.



Luana também tocou seu berimbau, junto com os tambores, e a festa ficou ainda mais alegre. Ela não sabia como, mas entendia tadinho o que os tupiniquins começaram a cantar:

*"Bem-vindos a Pindorama, homens do mar!
Que vieram montados em monstros de muitos braços e asas.
A nação tupiniquim tem tudo o que vocês querem.
Useм o que precisarem, mas, por favor, não destruam nada:
Tudo isso pertence aos filhos dos nossos filhos."*

O nome da nova terra



Cabral e seus homens não entendiam as canções indígenas, e alguns até acharam os tupiniquins meio bobos, por estarem tão felizes. Teve dança, teve missa, teve presentes que não acabavam mais. De repente, Cabral olhou pro povo tupiniquim e disse:

– Como minha missão é chegar à Índia, vou considerar “missão cumprida”. Aqui é a Índia e, portanto, vocês todos são índios...

Ninguém entendeu nada... Mas, como só diziam coisas boas e certas para os homens do mar, os nativos começaram a rir e a fazer que sim, com as cabeças...

– Índios, índios, índios...

Caminha se aproxima do capitão-mor e sussurra:

– Mas, seu Cabral, a gente sabe que aqui não é a Índia coisa nenhuma. A Índia é bem diferente. E, quando sairmos daqui, vamos ter que seguir viagem para lá.

– Ah! É mesmo?

Aí, Cabral bateu palmas, pediu que todos se calassem e proclamou:

– Tomei uma importante decisão. Vou chamar esta terra de *Ilha de Vera Cruz*...

Olha o chato do Caminha, cochichando de novo no ouvido do Cabral:

– Mas aqui não é uma ilha, Pedro.

– Não é! Então escreve aí que vou chamar de *Terra de Santa Cruz*.



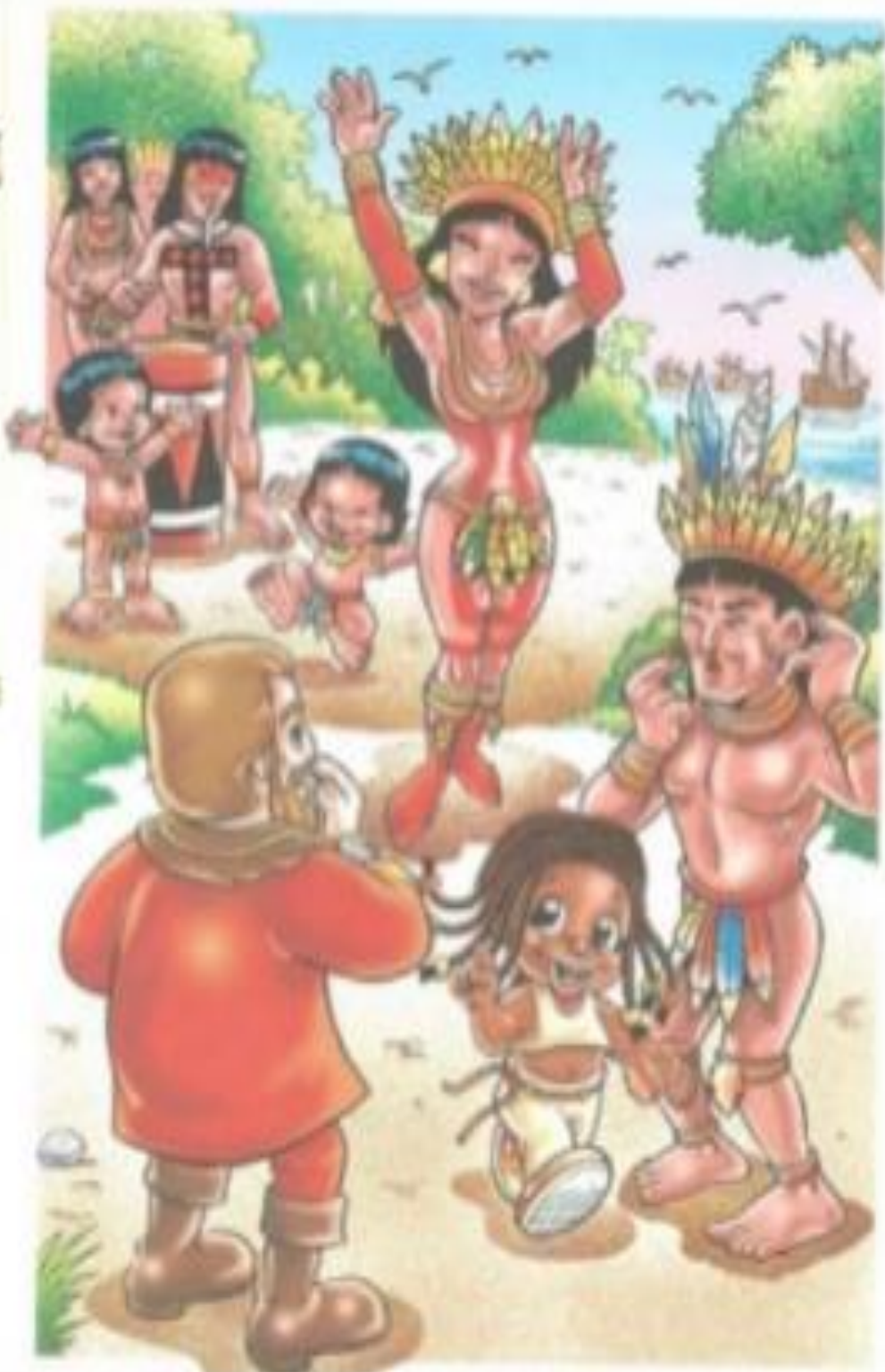


Nesse momento, os tambores ribombaram mais alto e uma tupiniquim muito linda, com o corpo todo pintado de vermelho, começou a dançar tão bonito como eles nunca tinham visto antes.

– Como ela pintou o corpo desse jeito? – perguntou Cabral a Itabajauá.

O chefe dos tupiniquins não entende o que ele diz, mas Luana sabe e responde. Nem ela mesmo sabe como sabe tanto...

– É tinta de pau-brasil, seu Cabral. Uma tinta que serve para pintar tudo de vermelho: roupas, cortinas, tapetes, o que você quiser. Pau-brasil é aquela árvore ali, ó...



Os portugueses – era assim que se chamavam os homens do mar, porque vieram de um lugar chamado Portugal – ficaram loucos por aquela planta e começaram a colher mais do que podiam carregar.

Cabral coçava a barba e pensava alto:

– Isso vale ouro em minha terra... pau-brasil?! Taí, gostei... Vou chamar esta terra de... *Brasil!*

E o pobre escrivão Caminha foi obrigado a rabiscar de novo seu pergaminho e escrever o nome da terra que Cabral jurava ter descoberto.

“Tomara que ele não invente um novo nome, senão a carta do rei vai toda emporcalhada” – pensou Pero Vaz de Caminha, mas não disse nada, para não perder o emprego de escrivão da esquadra.



Os portugueses lotaram as caravelas com tudo o que puderam, deixaram uns presentinhos bem sem graça para os tupiniquins e voltaram para o mar.

No alto de um morro, Itabaji, ao lado do pai e de todo o povo tupiniquim, viu as caravelas partindo, muito mais pesadas do que chegaram... Achava que aqueles homens, que eles chamaram de *perós*, nunca mais iriam voltar.



Peró português

"Quem dera isso fosse verdade!" – pensa, preocupada, Luana, lembrando o que ainda irá acontecer com esse povo e sua terra. E, para não ficar triste, começa a tocar berimbau:

Derendém... derendém... derêndem, derêndem, derendém...

Derendém... derendém... derêndem, derêndem, deren...

TOIMMMMM!

De repente, o zunido: dzummmmm... dzummmmm... dzummmmm... e lá vem o eco repetindo novamente:

"lê, mundo dá volta, camarã!"

